

Freud e a Reflexão Moral- A questão da moralidade em Richard Rorty

Flora Tucci*

“*Freud e a Reflexão Moral*” (1999) é um artigo onde Richard Rorty reflete sobre as contribuições paradigmáticas de Freud sobre a constituição do indivíduo e suas consequências acerca da moralidade. A questão central deste artigo é compreender a importância da seguinte afirmação de Freud: “*o ego não é o mestre nem mesmo em sua própria casa*” (Freud, 1917: 178).

A importância desta afirmação de Freud, para Rorty, está no fato de que o inconsciente freudiano não tem a aparência de algo que podemos usar para descrever a nós mesmos e alcançar alguns de nossos propósitos, mas ao contrário, parece ser alguém com objetivos diferentes dos nossos. Essa concepção, descentraliza a idéia de um eu “único” e coerente, ou seja, faz o ego perder sua mestria. A partir da concepção de um “eu” descentralizado, compreende-se que a mente não pode ser identificada por um único conjunto de crenças e desejos.

O abandono da idéia de um “eu” central, verdadeiro, tem como consequência a libertação da idéia de um “eu” compartilhado com todos os outros seres humanos, de uma natureza humana comum. Nesse sentido, a busca pelo autoconhecimento não deve ser tida como uma tentativa de descobrir nossa essência, nossa natureza humana comum: “*longe de ser o que nós compartilhamos com os outros membros de nossa espécie, o autoconhecimento é que nos separa deles, nossas idiossincrasias acidentais, os componentes ‘irracionais’ em nós mesmos, que nos divide em conjuntos incompatíveis de crenças e desejos*” (Rorty, 1999: 199).

* Mestre em Filosofia pela Puc-Rio, psicanalista, bolsista do projeto *Ética e realidade atual: o que podemos saber, o que devemos fazer* (www.era.org.br).

Contudo, como pensar a moralidade frente a um eu descentralizado, já que esta refere-se a como agir com os outros e, também, com a tentativa de melhorar internamente, com a busca de aprimoramento do caráter?

O trabalho de Freud focaliza, em grande parte, o campo da moral relativo ao privado. Rorty interessa-se fortemente por essa questão e afirma que *“Freud nos ajudou a pensar na reflexão moral e na sofisticação como uma questão de autocriação, ao invés de como questão de autoconhecimento. Freud transformou em paradigma do autoconhecimento a descoberta dos materiais fortuitos a partir dos quais nós devemos construir a nós mesmos, ao invés da descoberta dos princípios aos quais nós precisamos nos conformar”* (Rorty, 1999: 205-206). E assim, *“Podemos começar a compreender o papel de Freud na nossa cultura, vendo-o como o moralista que ajudou a desdivinizar o “eu” ao ir encontrar a origem da consciência nas contingências da nossa formação”* (...) e, por isso, *“permite-nos traçar uma narrativa de nosso próprio desenvolvimento, da nossa luta moral idiossincrática, narrativa que apresenta muito mais à medida do nosso caso individual do que o vocabulário moral que a tradição filosófica nos oferecia”* (Rorty, 1989:30 e 32).

A tradição filosófica a que Rorty se refere diz respeito às filosofias morais que dividem o sujeito em duas partes: de um lado, a razão, e de outro, as paixões (instintos). Uma pessoa moral, sob esse ponto de vista, seria aquela que prioriza sua faculdade da razão frente a seus impulsos instintuais. Rorty defende que a importância de Freud consiste no fato de nos oferecer um caminho de superação deste tipo de dualismo, ao mostrar que a constituição de cada sujeito é um modo alternativo de adequação; é uma maneira peculiar de lidar com suas contingências.

Ao invés de tentar buscar um “eu” central ou princípios gerais que nos definem como seres humanos, Freud propõe que nosso foco de compreensão deve dirigir-se ao particular. Rorty

afirma que esta contribuição de Freud tem como consequência uma importante distinção entre uma ética privada de autocriação e uma ética pública de acomodação mútua.

Essas duas instâncias não podem ser sintetizadas, isso porque compreender o sujeito é compreender suas experiências particulares, que o fizeram como tal, ao invés de tentar encontrar uma natureza humana que todos nós compartilhamos.

Dessa forma, a descrição que cada ser humano faz de si mesmo não deve ter necessariamente um valor universal que consiga contemplar todas as outras pessoas. Na verdade, cada indivíduo deve buscar a sua autocompreensão por um vocabulário próprio, ainda que apenas marginalmente seu.

Referências Bibliográficas:

Freud, S. *O inconsciente*, v. XIV, p. 185-245. . Tradução de [Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Britto e Cristiano Monteiro Oiticica]. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1915.

Freud, S. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, v. XVII, p. 171-179 . Tradução de [Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Britto e Cristiano Monteiro Oiticica]. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1917.

Rorty, R. *Contingency, Irony and Solidarity*. New York: Cambridge University Press, 1989.

Rorty, R. *Ensaio sobre Heidegger e outros: Escritos Filosóficos 2*. Tradução de [Marco Antônio Casanova]. Rio de Janeiro: Relume Dumará,1999.

Rorty, R. *Pragmatismo: A filosofia da criação e da mudança*. Organizadores Antonio Magro Pereira e Cristina Magro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.